

Apkujong-no, ou O que fiz nas férias de verão*

Rob Shields

Ironicamente, *Apkujong* quer dizer “poder e riqueza vorazes e ilimitados”, em referência à residência de um político do século XV vil e traiçoeiro, Han Myong-hoe. Mantendo seu estilo, Apkujong é talvez o primeiro lugar entre os novos bairros abastados de que se ouve falar nas novas áreas de Seul que se desenvolveram, a partir de meados da década de 80, ao sul do Rio Han.

A antiga Seul expandiu-se a partir do centro tradicional da cidade de seiscentos anos de existência, Hang Yang, para o norte do Rio Han, que é hoje o marco mais importante da cidade. A largura deste rio, em muitos locais superior a um quilômetro, sempre impediu que a cidade fosse sitiada em ambas as margens (como no caso de Paris, por exemplo). Ao norte do Rio Han há uma série de colinas íngremes, inteiramente cobertas por casas e choupanas no século XX. O principal marco geográfico entre estas elevações é a Montanha Nam San. O centro tradicional de Seul fica ao norte de Nam San, em um vale cercado ao sul por Nam San e outras elevações, e, ao norte, pelos picos montanhosos e escarpados de Bukan San. A cidade de Seul foi fundada há mais de seiscentos anos atrás. Antigamente, este local, com seu padrão característico de pesadas névoas matinais, deve ter parecido um conto de fadas. Hoje, Seul divide com Los Angeles e com a Cidade do México a duvidosa honra de apresentar névoas transformadas em nuvens de fumaça e em cerrações de inversão térmica.

A Seul deste final de século excede em muito os limites desta área, tornando difícil sua apreensão. Não apenas Seul tem muitos centros urbanos - muitos centros polinucleares -, como é quase impossível encontrar um local de onde ver a cidade, uma vez que montanhas e outras elevações (tais como Nam San) bloqueiam a visão. Seul está, literalmente, fora do alcance da visão. Se incluirmos as novas cidades construídas além destas montanhas limítrofes, a área metro-

politana de Seul tem hoje uma população de mais de 17 milhões de pessoas.

O coração geográfico de Seul é hoje o Rio Han, que parece diminuído pela rápida travessia que mais de uma dúzia de pontes oferecem a trens, ônibus e ao tráfego de veículos. Kangnam, a “margem sul”, é sinônimo de novas riquezas, de modernidade e dos estilos pós-modernos típicos do capitalismo global. Kangnam está, literalmente, fora do alcance da visão. Kangnam desenvolveu-se a partir de 1970 em uma planície que leva a um conjunto de montanhas ao sul. Kangbuk, a “margem norte”, é uma metáfora de tradição, anti-modernismo (para não mencionar anti-pósmodernismo) e mesmo superpopulação e miséria.

Apkujong-dong, ou o bairro de Apkujong, desenvolveu-se na margem sul, a princípio como um conjunto de prédios de apartamentos modernos destinados às classes abastadas de Seul. Por que apartamentos de aparência comum, e não casas? Kang explica que as novas classes superiores emergentes desejavam simultaneamente luxo e discrição, no clima que predominou na Coreia, no início da década de 80, de austeridade econômica e crescente crise política (Kang, 1995). Os apartamentos foram construídos em terrenos recuperados ao leito do rio em uma aventura arriscada realizada por uma empresa privada. Na época, toda a área de Kangnam foi anexada para o desenvolvimento, e, com a realização das Olimpíadas de 1988, uma mentalidade voltada para mega-projetos fez-se acompanhar de um *boom* de construções que prosseguiu até 1995. O ritmo excessivamente rápido de construção e a escassez de materiais durante o final da década de 80 foram a causa final do colapso recente da “Sampoong Becwajan”, uma loja de departamentos em Kangnam que era um ícone da nova riqueza.

Apkujong é fortemente marcada pelo modernismo arquitetônico e pelas práticas de planejamento para os subúrbios. Kangnam é um local de ruas largas, em que os automóveis predominam em ruas de pistas múltiplas, cruzamentos e elevados que condenam os pedestres a dar longas voltas ou a usar as passagens subterrâneas. Trata-se

de uma área em que as zonas comerciais e residenciais são distintas, e de ocupação irregular. As amplas calçadas, contudo, são perfeitas para multidões e para vendedores ambulantes, que armam bancas de acessórios da moda a baixo custo, produzidos em pequenas fábricas coreanas para o mercado europeu (trabalhos em couro tais como cintos, óculos de sol e sapatos). Outros vendem comida em barracas de lona ou em pequenas tendas. Estes invasores culturalmente tradicionais do modernismo de Kangnam são um aspecto importante da confusão de códigos e de normas modernistas. A disputa cultural entre o local-tradicional e o global-moderno, juntamente com o espaço político e econômico dos novos empresários e da nova burguesia, é a base para a “pós-modernização” de Apkujong. Esta paisagem híbrida é uma atração importante para aqueles que não residem no bairro, e que lotam suas ruas nos fins de semana e após o expediente. Estes ambulantes tanto podem ser oficialmente organizados - embora geralmente não-licenciados - quanto extra-oficialmente organizados em sindicatos que controlam as principais áreas nas calçadas e protegem o monopólio de seus membros sobre seus espaços em troca de pesadas taxas de “adesão voluntária” (Seo, 1995).

Na rua principal, Apkujong-no (que no uso coreano é também o nome da vizinhança), plátanos de vinte anos de idade ladeiam as seis pistas de tráfego. Sofisticadas lojas de departamentos (“Galleria” e “Hyundai”) situam-se junto aos 2-3 quilômetros de prédios residenciais, oferecendo mercadorias importadas a preços altos. Um novo “prédio anexo” à Galleria apresenta uma série de boutiques européias voltadas para os jovens (20-30 anos). O prédio original da Galleria, situado do outro lado da rua, atrai uma multidão mais velha e mais pragmática mais voltada para a vida familiar do que para a moda pessoal (Chun, 1995; *Supermarket New Monthly*). No lado leste de Apkujong-no, a ampla calçada situada em frente ao MacDonalds é um dos principais pontos de encontro para os integrantes da “Geração X” - vinte e poucos anos - de Seul. Demograficamente, este é o grupo intermediário, o

“baby bust” à sombra do “baby boom” coreano do pós-guerra. Embora este grupo apresente altas taxas de desemprego, ainda mais significativo é seu *bias* “não-coreano” contra empregos subalternos e trabalhos manuais (o que gera uma alta demanda por mão de obra idosa e por trabalhadores estrangeiros) e sua dependência financeira dos pais. Este grupo, portanto, caracteriza-se por suas preferências culturais, ao invés de ser determinado por suas oportunidades econômicas.

O muro baixo situado na fachada do MacDonald’s fornece um assento à altura da cintura - rapazes à esquerda, moças à direita da entrada no centro. Embora aqueles que estão esperando por um amigo costumem demorar-se por ali, as mesas situadas à janela do segundo andar são um ótimo local de observação para os frequentadores que desejam ter uma boa visão dos membros atraentes da multidão. E, na Coreia, isto significa membros do sexo oposto. O resultado provoca uma sensação de indiferença flutuante vindo da multidão. Até mesmo o ar condicionado contribui para nos distanciar deste tempo e lugar.

Para aqueles que têm a idade certa e corpos adequados, mas carecem de pais ricos, Apkujong tem a reputação de ser o lugar certo para se encontrar um namorado ou namorada rico - e riqueza é a senha da Geração X para entrar nos significantes de Seul para a boa vida: carros europeus, restaurantes, lanchonetes e discotecas caras. Aqui, os meninos de um bairro encontram as meninas do outro. E encontrar é fácil: os rapazes simplesmente abordam os pequenos grupos de moças para convidá-las a “curtir a noite juntos”. Embora isto possa ser um eufemismo, em geral conduz apenas a conversas e bebidas. O mais relevante é o caráter não-tradicional destes encontros: são independentes e não-regulados. A noite e as ligações porventura resultantes são imprevisíveis.

A Rua Rodeo

Dobrando a esquina do MacDonald’s, está o beco informalmente conhecido como “Rua Rodeo”. O uso de um nome inglês revela a tendência ocidentalizada da região. Isto é Seul em seu melhor estilo “wannabe”. São Francisco, Los Angeles, Milão - a Rua Rodeo fica em qualquer lugar, menos em Seul, o proscênio do teatro urbano que é Apkujong-no. *Embora cercado por áreas residenciais, o beco (Rua Rodeo) é repleto de cafês, bares, restaurantes e outros sofisti-*

cados locais de entretenimento, atraindo jovens que buscam diversão e boemia, comenta Kwak Young-Sup no *Korea Herald* (1992). Butiques ocidentais, lojas que vendem artigos de griffe e lojas que simplesmente oferecem artigos de aparência ocidental amontoam-se junto a cafeterias situadas em andares superiores, bares térreos, *Norebang* (o karaokê melhorado ao estilo coreano em locais privados), restaurantes, jogos eletrônicos e salões de bilhar e sinuca.

Um café de Seul é muito diferente de qualquer outro tipo de bar ou lanchonete que conhecemos no Ocidente. Os cafês são lanchonetes sofisticadas com ar-condicionado. Geralmente, são decorados com conjuntos de sofás, poltronas e mesas para oferecer acomodações típicas de clubes a seus frequentadores. Os maiores cafês dispõem de telefones nas mesas. Os lugares mais refinados oferecem aparelhos de fax (usados principalmente para enviar “faxes de diversão” para outros cafês e bares). Neles, o café custa em torno de US\$ 5,00 a xícara. Enquanto os cafês mais antigos eram estabelecimentos escondidos, situados em andares térreos, o café “pós-moderno” oferece uma vista da rua e amplas janelas do chão ao teto que colocam os próprios frequentadores voyeuristas em exposição. A ligação com a rua está inteiramente baseada no olhar. A televisão exibe “Star”, uma emissora de Hong Kong inteiramente dedicada à música, propiciando um elo com a paisagem global midiática do Ocidente, vídeos de rock asiáticos e indianos, filmes de Kung Fu e romances e dramas indianos, costurados por chamadas baseadas no canal francês M6. O telefone é o elo principal do cyberspaço da cultura *pager* de Seul dos “bips”, em que mensagens são transmitidas através de códigos numéricos para os aparelhos pessoais dos amigos, altamente estilizados (Shields, 1996b; 1996c). “8282” - *Eu te amo venha depressa*.¹ Como se estivessem na nave “Enterprise” de *Jornada nas Estrelas*, as pessoas pensam em descer até a rua e em seguida perdem o interesse, preferindo permanecer no café - o conforto refrigerado, as pessoas bonitas, os vídeos, as mensagens casuais dos *beepers*, em resumo, os cafês são a expressão tangível e espacial da *socialidade virtual*.

Surpreendentemente, apesar dos modismos, quase todos os membros desta multidão usam jeans e camisa pólo de mangas curtas. As lanchonetes e os cafês situam-se lado a lado nas ruas adjacentes à Rua Rodeo. Os carros engarrafam o beco em uma exibi-

ção simbólica de *mobilidade estacionária* (contra Virílio). As motocicletas são raras, à exceção de uma reprodução solitária e deslocada de uma Harley estacionada proeminentemente diante das largas janelas de vidro do “Cafê Coffee”.²

O aglomerado não é feito apenas de metal. A Rua Rodeo fervilha de pedestres, forçados a encontrar seu caminho por entre as BMWs, Mercedes e os sofisticados Grandeur coreanos da Kia. Frequentadores distraídos, adolescentes risonhas, mulheres adeptas do estilo “modelos da Vogue”, rapazes e inexperientes *flâneurs* (ver Shields, 1994). Sessenta anos mais tarde, e meio mundo mais longe, o elenco benjaminiano dos passeios parisienses revive (Benjamin, 1989), em uma cena surpreendentemente ingênua. Não há qualquer sinal dos olhares interpelativos das prostitutas de Benjamin. A regra é o olhar desatento e irrequieto.³ Estes jovens habitantes de Seul nunca ouviram que a cidade faz mal, não sabem nada sobre a dura vida dos imigrantes e refugiados da Paris de Benjamin ou sobre o desespero e desorientação da metrópole do século XIX que ele estudava.⁴ O resultado é uma forma espetacular de experiência de massa, em que mesmo os encontros substitutos de carros e pessoas resultam em negociações verbais e tácteis. À medida em que os tecidos roçam os metais polidos, há inúmeras oportunidades para “quebrar o gelo” entre jovens agitados porém reservados de sexos opostos, ou para combinar um encontro mais tarde em um café. Na Coreia, as pessoas gritam: *Esse BMW é seu ou dos seus pais? e Você já tem idade para dirigir ou estava tentando me atropelar?*

Onde eu estou em meio a isto? Tanta coisa acontece, e tão rapidamente, que uma visão de 180 graus seria necessária para se começar a “observar” uma cena assim (sobre cenas, ver Bech, no prelo). A observação participante é impossível, pois o distanciamento crítico só é alcançado retrospectivamente, com a escrita sendo uma espécie de “reflexão participante” (ver Shields 1996). Assim, a participação toma conta. Eu e meus “informantes nativos”, de apelidos divertidos - Jim e Charlie Brown - seguimos o fluxo, eu em um estado de estupor. “Estupor” - porque é preciso deixar o próprio corpo no piloto automático para achar o equilíbrio e o movimento inercial para uma ou outra direção, em uma tentativa de liberar a consciência para se concentrar nos acontecimentos interessantes, para observar pessoas, produtos

e paisagens. Descrente dos relatos das apresentações “fáceis”, pergunto-me como estes jovens rapazes heterossexuais encontram as meninas a quem se referem como “legais”? Com o próximo pequeno aglomerado para o qual somos empurrados pelo trânsito, aprendo que é fácil, principalmente quando há um sociólogo canadense a ser transformado na “desculpa” inicial. De fato, as mulheres de vinte e cinco anos parecem ansiosas para conhecer estrangeiros e principalmente para falar inglês, pois esta é uma oportunidade rara para eles: um olhar para fora de uma sociedade que social e geograficamente irá restringi-las aos papéis tradicionais de esposas. As mulheres jovens viveram as principais mudanças de papéis e status. Ao longo dos últimos 25 anos, saíram dos tradicionais casamentos asiáticos para a iminência de tornar-se empresárias independentes. Elas lêem *Cosmopolitan* e *Vogue* em coreano e sonham em “ter tudo”. Enquanto os homens prestam três anos de serviço militar (que parece apenas reforçar os padrões tradicionais de autoridade), as mulheres jovens solteiras formam uma *vanguarda cultural* que adota novos estilos, normas e padrões de consumo e estabelece os limites da mudança cultural, desafiando os termos da globalização. Elas são positivas ao determinar para onde estamos indo e agressivas em suas perguntas, quando a conversa se volta para os índices dos casamentos legais norte-americanos. Há assim um conflito de gênero na sofisticação e no grau de visão cosmopolita que divide a nova Geração X internamente.

Orange-jo

A rigor, a maior parte das pessoas vai para a Rua Rodeo de ônibus por falta de estacionamento, encontra-se com velhos amigos e vai buscar um lazer mais barato em outro lugar. Entretanto, aquilo que Cohen e Taylor (1976) chamam de “pânico moral” continua vigoroso há quatro anos, relativo à “*Orange-jo*” (“jo” significa tribo ou grupo). A juventude mais sofisticada e ligeiramente mais velha que de fato dispõe dos carros de seus pais ricos para dirigir mudou-se quase imediatamente para outras áreas, tais como Hongik-tae, a oeste e norte do rio (Chun, 1995), quando a mídia deu início a uma campanha rotulando a juventude ocidentalizada de degenerados morais e sexuais. Pois há outras ruas “laranja” em Seul.

Lar da tribo Laranja, a área de Apkujong-dong foi recentemente criticada como um antro juvenil de desvio e consumo

excessivo.

Uma das características mais impressionantes da tribo Laranja é que sabe-se que conseguem dinheiro com seus pais endinheirados, gastando-o “como se fosse água”.

Não é raro que um Laranja gaste um milhão de won (cerca de 2000 dólares canadenses) por noite em um bar (...) os boatos também dizem que muitos são viciados em drogas e têm pouquíssimos escrúpulos sexuais (Kwak, 1992).

A Orange-jo, ou literalmente a “tribo Laranja”, é um demônio popular (Cohen e Taylor, 1976), cujo nome parece derivar do modo como costumavam sentar e passar o tempo em bares e cafês. Quando viam meninas em mesas próximas, os homens pediam copos de suco de laranja para elas. Se as meninas bebessem o suco, isto significava que queriam sair com eles e “divertir-se” (Lee Kyu-tae, *Chosun Ilbo* (jornal coreano) citado em Kwak, 1992).

O que não aparece nestes relatos da mídia é que, embora esta prática específica Orange-jo seja claramente masculina, as atitudes condenadas ultrapassam as fronteiras do gênero. Embora os homens tomem a iniciativa, as mulheres os acompanham. O colunista prossegue, desaprovador: “é devido a esta prática fútil e vazia que eles tornaram-se conhecidos como ‘a tribo Laranja’”. Estranhamente, nenhum dos entrevistados declarou conhecer algum membro da “Orange-jo”: trata-se de retratos compostos das fantasias coreanas demoníacas acerca do comportamento social ocidentalizado. Em uma sociedade na qual quase todos os relacionamentos sociais baseiam-se na apresentação das partes por um intermediário, as garçonetes muitas vezes conseguem companhia para as pessoas solteiras em discotecas.⁵ Do mesmo modo, contatos e relacionamentos profissionais acontecem por meio de apresentações, ao invés de contatos diretos. Os leitores de língua inglesa estarão familiarizados com a idéia de que a interação social urbana com estranhos é limitada pela polidez, pelo recato e pelas inibições que restringem os contatos sociais, de um modo ou de outro, às afinidades estruturadas de classe, vizinhança, etnicidade ou língua, cor da pele, idade e gênero.

Complementando o horário nobre de 19:00 às 23:00 do fim de semana, a impaciência e pressão dos coreanos urbanos de aderir ao capitalismo de consumo e àqueles produtos que servem como signos de ostentação do global e da ocidentalização ilumina

o estupor neurastênico dos sinais brilhantes em neon e das atraentes vitrines. A Rua Rodeo é assim um local de divertimento. Um lugar em que provavelmente vai-se esbarrar em *alguém* - em outro corpo desatento - com as consequentes profusas desculpas, olhares curiosos e *socialidade momentaneamente desalienada* de contato (Lefebvre, 1958).⁶ Estes contatos não são intencionais ou instrumentais, apesar do fato de que alguns possam estar na cena por razões instrumentais (isto é, como *flâneurs*). O contato é fortuito e governado pelo acaso. Este é o prêmio: não sexo por uma noite, ou uma companhia para a vida toda, mas um lampejo de socialidade de contato por um segundo. A Rua Rodeo é uma *comunidade de contato* (Shields, 1992), em que homens, mulheres e automóveis encontram-se presos em uma rede social de colisões e olhares. Esta descrição equivale a iluminar repentinamente a interação de corpos - a “congelar” estes “corpos sociais”, conforme discutirei mais adiante - surpreendida em Apkujong-no. Ainda assim, este “flagrante” sociológico mal captura a aleatoriedade, o fluxo, minuto a minuto, dos eventos que uma narrativa sociológica mais “cinematográfica” poderia captar.

Este comportamento da multidão é tão estranho a Seul quanto aquela Harley cafona, diante de outras práticas nativas de Seul nas quais somos levados pela multidão - em contato com corpos *múltiplos*, sem que se possa dar atenção total a qualquer um deles - como, por exemplo, no tradicional Mercado Namdaemun. Lá, pode-se comprar qualquer coisa - “qualquer coisa”, isto é, que seja fabricada na Coreia (o que muitas vezes quer dizer Seul ou então Pusan ou Ulsan). Imersos na cultura material e no clima das práticas locais e tradicionais do *petit-capitalisme*, somos pacientes com a pressão dos corpos, do mesmo modo como um peixe é paciente com a fricção da água. Não temos escolha, pois em geral não se trata de corpos individuados, mas de uma única multidão. E não escolhemos nossos contatos, assim como um peixe não escolhe as moléculas da água que encontra. Ao contrário de Apkujong, estes contatos não são “aleatórios” no sentido dos eventos irruptivos, mas um meio contínuo e obstrutivo - aquilo que chamamos de “multidão”.

O Pecado da Diretividade

Na Coreia, as abordagens diretas em *qualquer campo das relações sociais* parecem atrevidas e ameaçadoras ao sistema de

socialidade, impedido de transformar-se em um sistema liberado, apesar do estereótipo de superpovoadas e apressadas atribuído às cidades do Leste asiático. Em Seul, as interações parecem ser controladas por um conjunto de regras implícitas, que exigem um propósito e um convite (por exemplo, pedir informações e prosseguir no caminho, e vendedores que “convidam” os compradores a entrarem nas lojas com o propósito específico de comprar). Além disso, as interações devem conformar-se idealmente a um *habitus* de interações estereotípicas (cf. Bourdieu, 1981), e contatos ou perguntas devem ser feitos de acordo com uma hierarquia preferencial dentro dos limites de uma rede de conhecidos e amigos a quem é preciso ser leal. Assim como as normas de gênero e de geração em um sistema de parentesco, esta estrutura preferencial superdetermina o processo cultural das interações sociais, econômicas e políticas nas cidades do Leste asiático.

Em minha interpretação, fazer uma abordagem direta é colocar-se temporariamente fora destas redes encompassadoras de socialidade através desta atitude e nos termos do Imaginário social, ou compreender “como o mundo funciona”, para usar uma expressão do inglês. Esta “estranheirade-pela-diretividade” não pode deixar de ser completa: a pessoa torna-se um estrangeiro nos termos da socialidade coreana, um simulacro de um ocidental, que, ainda assim, apresenta uma reivindicação a direitos sexuais (reais ou imaginários) a corpos coreanos específicos (geralmente femininos) e assim a fazer parte do “corpo social” da nação coreana.⁷ O “estrangeiro” Orange-jo resultante (cf. Simmel, 1958) tem um status liminar ou marginal, e é monstruosamente instável e transgressor. O movimento para fora do círculo das identidades coreanas é feito para realizar uma volta contestada aos limites marginais das identificações coreanas. Este retorno enfrenta uma forte oposição das autoridades públicas e das personalidades influentes, sob a forma de uma condenação moral - o pânico moral acima mencionado.

No escândalo da Orange-jo, à transgressão das redes flexíveis da socialidade através do contato direto somou-se o liberalismo sexual. As atividades sexuais pré ou extra-conjugais costumam ter lugar em hotéis que tornam estas práticas economicamente visíveis (os assim chamados “hotéis amorosos” (um deles, o Valentine Hotel, é uma réplica de um castelo austríaco) ladeiam a estrada

que vai do leste de Kangnam até Chinchon); entretanto, não há qualquer identificação clara de frequentadores de Apjukong na faixa específica de 20 a 30 anos com esta prática, que pode igualmente ser o resultado dos hábitos sexuais de homens mais velhos relativamente ricos. A prática “sexual” mais visível é o encontro aberto observado na Rua Rodeo enquanto escrevia este texto, onde rapazes de 23 a 28 anos abordam um grupo de moças de 23 a 25 anos para convidá-las a “curtir a noite juntos”, indo a um bar, a uma discoteca ou para cantar no onipresente Norebang.

A rejeição encontrada na Rua Rodeo à hierarquia e suas mediações é a principal razão para a sua espacialização como uma zona marginal e, mais do que isso, proscria. O risco, para a ordem social coreana, é que esta socialidade flexível baseada no local perca sua importância para a Geração X, que formaria assim suas próprias redes hierárquicas no ápice do global, como importadores da oportunidade econômica, da moda e do bricabraque transcultural.

Mais importante do que a filiação a uma tribo “Laranja” são as filiações a tribos políticas e sociais baseadas nas redes regionais e hierárquicas que disputam os recursos do Estado e as oportunidades econômicas. Estas interpenetram ao mesmo tempo a vida privada, a vida da rua, as empresas e a política do Estado. De fato, não há qualquer separação da sociedade civil em relação ao Estado, como no tipo-ideal europeu gramsciano. Mais do que um debate racional, estas redes são os canais de formas da *socialidade flexível* (Cho e Shields, 1995). Esta “flexibilidade” caracteriza-se pela dependência individual, social e econômica do ator de uma “rede hierárquica” para obter status, recursos (também entendidos como poder), vantagens e oportunidades competitivas. Nesta forma ideal-típica de socialidade não há qualquer divisão necessária entre a vida pública e privada, pois a rede de lealdade e dependência atravessa quaisquer linhas divisórias possíveis que possam separar uma esfera privada e protegê-la de uma esfera pública. Sem uma divisão das esferas públicas e privadas, a diferenciação e compartimentalização do Ocidente moderno das esferas de valores (mais notavelmente o afastamento da competitividade econômica dos valores religiosos cf. Weber) torna-se difícil. Em seu lugar, o código onipresente do quase-confucionismo dita a lógica da diferenciação hierárquica e da lealdade nas redes da socialidade flexível.

vel. A aceitação da própria posição na rede hierárquica (estratificada por idade, família e pelo respeito - de difícil obtenção - dos amigos) é crucial.

Mas não mencionei a única esfera pública, a Catedral Anglicana, ou os teatros e cafés de Taehak, “Planet Hollywood”, o bar Carlsberg em Hongik-tae, ou os “rock-cafés” como o “Space” em Sinch’on. E o que dizer dos “wannabes” da Orange-jo, dos *kingkan-jo* (termo coreano para Laranja Anã), ou dos soldados e prostitutas do “espaço tradicional de consumo” de Chongyangri, ou dos turistas consumidores de tradição em Insadon, ou dos pobres de Nankok observando o global em Sampoong, ou do “espaço moderno de consumo” de Itaew’on nos portões da oitava base militar americana. Todos estes espaços de consumo oferecem diferentes “combinações” do tradicional e do moderno. Juntos, compõem o repertório de Seul dos espaços pós-modernos pelos quais circulam seus habitantes, criando padrões de engarrafamentos de carros novos e ônibus velhos na hora do *rush*.

Estes espaços são, por um lado, um resultado da modernização, e o efeito da importação dialética de bens e práticas simbólicos e o retrocesso das restrições reacionárias que definem a globalização fora do Ocidente. De fato, estes espaços superam e excedem qualquer coisa que se pudesse esperar da modernização, e condensam os processos da globalização em locais intensos e precisos, sintetizando o moderno com o tradicional, o importado com o nativo. Neste sentido, trata-se de lugares liminares, pós-modernos.

Rob Shields

• *Professor Associado de Sociologia e Antropologia na Carleton University, Ottawa. Lecionou recentemente Cultura e Comunicação na Lancaster University (U.K.). É autor de Places on the Margin: Alternative Geographies of Modernity e de Henri Lefebvre: a Critical Introduction (no prelo), e editor de Lifestyle Shopping e Cultures of Internet. É editor-fundador do periódico internacional “Space and Culture”.*

Notas

* *Este trabalho está baseado em uma pesquisa de campo realizada em 1995, e em pesquisa bibliográfica e documental*

realizada no ano anterior e nos seguintes, financiada pelo Social Sciences and Humanities Research Council of Canada e pela Reitora de Ciências Sociais, Profa. Marilyn Marshall, da Universidade de Carleton, Ottawa. Conteí com a ajuda de assistentes e informantes locais, incluindo "Charlie Brown" e "Jim", Young-Min Seo e muitos outros do Korea Centre for Environment and City Research (KOCER) e do Prof. Myung-Rae e de outros professores do Departamento de Desenvolvimento Regional e Urbano da Universidade de Dankook, Seul. Com financiamento da Universidade de Lancaster, uma versão preliminar foi apresentada na Theory Culture and Society Conference, realizada em Berlim em 1995. Esta pesquisa é respeitosamente dedicada à memória das muitas vítimas da tragédia de Sampoong Becwajon. 6 de julho de 1995, Seul. Baixas da modernidade.

1. Nas trágicas consequências do colapso da loja de departamentos Sampoong, no qual centenas de vítimas foram funcionários de vinte e poucos anos, namorados(as) desesperados(as) mostravam, diante dos destroços, as últimas mensagens transmitidas para as câmeras de televisão, e choravam sobre os códigos de "ajuda", "eu te amo" e "adeus" recebidos dos namorados(as) presos nos destroços. Com seus típicos close-ups exagerados de torsos feridos expondo órgãos dilacerados, o noticiário televisivo coreano (KBS e SBS) é provavelmente o mais invasor, explícito e chocante do mundo.
2. O ponto de encontro, devido ao bom serviço, à localização central, à visibilidade dos frequentadores - entre si e da rua - e aos preços relativamente baixos de cerca de US\$3,00 por café.
3. Este aspecto do olhar, e o fato de que não há qualquer divisão clara de gênero entre aqueles que estão nos carros e os pedestres, diferencia este "carnaval" dos desfiles veranís de rapazes em carros e moças passeando que caracterizam ruas específicas de quase todas as cidades norte-americanas. Nas zonas erógenas urbanas, a troca de olhares entre os homens e as prostitutas é atenta, instrumental e desejosa (como parece ser em áreas semelhantes de Seul). Em Apkujong, contudo, o desejo no sentido europeu de falta (cf. Freud, Lacan) é

empurrado para os bastidores pelo excesso.

4. Seul é, em geral, extremamente segura, principalmente para as crianças. Crianças pequenas podem correr dezenas de metros à frente dos pais em meio a multidões, sem que estes pareçam preocupar-se. A baixa taxa de criminalidade está em parte relacionada ao interesse que os cidadãos têm pelos espaços públicos, fora de suas casas, os quais, para muitos, constituem o principal espaço habitado, cozinhar e comer sendo as únicas atividades realizadas no interior de casas apertadas. Esta situação, contudo, está mudando rapidamente, com a construção de centenas de milhares de altos prédios de apartamentos ao longo da última década.
5. Os barmen podem ter um papel semelhante em um pub, desempenhando o papel tradicional de "anfitrião" para a multidão frequentadora do bar. Isto é diferente do que ocorre em muitos bares ocidentais, em que o próprio bar tornou-se um local de trabalho e o bartender não passa de um preparador de drinks frenético que não tem tempo para conversar com os frequentadores, nos moldes do velho "balconista" das lanchonetes americanas.
6. O termo "socialidade" é aqui utilizado no sentido de Simmel, como o termo genérico para vários tipos de socialidade. "Sociabilidade", "vizinhança", "amizade" e outros são assim sub-categorias da socialidade (Simmel, 1959; Maffesolli, 1981).
7. Que parece ser, ela mesma (1) etnicamente mista (a despeito dos debates do Leste asiático sobre qual nação "descende" da outra) como resultado dos laços comerciais históricos e de sucessivas colonizações, e (2) que transcende o estado da Coreia do Sul para abarcar a "metade perdida" da Coreia do Norte - aproximadamente um quinto das famílias coreanas foi separado pela divisão pós-guerra, suscitando uma formação estatal característica a qual denomino "Estado Peninsular", cujo território discursivo vai além de seu território não-discursivo por ele governado (ver Shields (1997) e Cho ()).

Bibliografia

- BAUDRILLARD, J.. *The Precession of Simulacra*. New York: Semiotexte, 1983.
- BENJAMIN, W.. *Paris, Capitale du XIXe siècle. Le Livre des passages*. J. Lacoste, trans. Paris: Les Editions du CERF. Tradução completa de "Passagenwerk", 1989.
- CHUN, J.. Entrevista sobre varejo, pesquisa de doutorado em andamento, Departament of Urban and Regional Development, Dankook University, Seul. 30 de junho 1995.
- CHO, Myung-Rae. 1995. "Flexible Specialisation through Metropolis", no prelo. *International Journal of Urban and Regional Research*.
- COHEN, S. e TAYLOR, L. *Escape Attempts: the theory and practice of resistance to everyday life*. London: Allen Lane, 1976.
- CUDDIHY, J.. *The Ordeal of Civility: Freud, Marx, Lévi-Strauss and the Jewish Struggle with Modernity*. 2ed. Boston: Beacon, 1987.
- KWAK Young-Sup.. "Seoul launches crackdown on 'Orange family' in Korea" - *Herald* nd, np, 1992.
- KANG, Tae-Hi.. Entrevista, Professor de Planejamento Urbano, Seoul National University, Seoul. 24 de junho 1995.
- LEFEBVRE, H.. *Le Somme et le Reste*. Paris: Editions Sociales, 1958.
- MAFFESOLI, M.. *Le Temps des Tribus*. Paris: Editions Sociales, 1981.
- SHIELDS, R.. *Cultures of Internet*. London: Sage, 1996b.
- SIMMEL, G.. *The Sociology of Georg Simmel*. New York: Free Press, 1958.

Tradução:

COELHO, Maria Cláudia